

Ciências Sociais Aplicadas:

Organizações, Inovações e Sustentabilidade

Luciana Pavowski Franco Silvestre
(Organizadora)

Atena
Editora
Ano 2020

Ciências Sociais Aplicadas:

Organizações, Inovações e Sustentabilidade

Luciana Pavowski Franco Silvestre
(Organizadora)

Atena
Editora
Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Luciana Pavowski Franco Silvestre

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C569 Ciências sociais aplicadas: organizações, inovações e sustentabilidade / Organizadora Luciana Pavowski Franco Silvestre. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-556-3

DOI 10.22533/at.ed.563201711

1. Ciências Sociais. 2. Organizações. 3. Inovações. 4. Sustentabilidade. I. Silvestre, Luciana Pavowski Franco (Organizadora). II. Título.

CDD 301

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos.

APRESENTAÇÃO

A Atena Editora apresenta o e-book “Ciências Sociais Aplicadas: Organizações, inovações e sustentabilidade”, são ao todo trinta e seis artigos dispostos em dois volumes.

As pesquisas apresentadas congregam esforços de análises e reflexões relevantes sobre a sociedade contemporânea, especialmente no que se refere as relações conflituosas entre inovação e sustentabilidade e a busca de estratégias para resolução destes conflitos.

Os artigos que compõem o volume 1 possibilitam ao leitor o acesso pesquisas relacionadas às políticas públicas, relações políticas, questões de gênero, capital, renda e processos organizacionais. Os temas são abordados a partir de categorias de análise relevantes para a compreensão das relações que permeiam a sociedade brasileira, como a cordialidade, o patrimonialismo e a representatividade.

Ainda no volume 1, destaca-se que os temas são tratados de forma a considerar a importância e impactos da democracia ou da fragilidade desta diante da falta de representatividade, possibilidades de participação e tomada de decisão. Sendo considerado nestes aspectos as disputas de classe e reconhecendo-se os impactos diretos para as questões de gênero, raciais, de acessibilidade, mobilidade e exclusão financeira.

As pesquisas apresentadas no volume 2 do e-book estão vinculadas a duas temáticas centrais, o primeiro é sustentabilidade e meio ambiente, com estudos que tratam sobre a relação da temática com a produção do lixo, o consumo, práticas sustentáveis, processos participativos, tomadas de decisão e comunidades tradicionais. Por outro viés, a temática sustentabilidade e meio ambiente é também analisada a partir da responsabilidade social diante das problemáticas apresentadas pelo agronegócio e sistema empresarial e impactos destes para o meio ambiente.

Para finalizar, são apresentados artigos que contribuem para a reflexão sobre a relação entre inovação e sustentabilidade em processos educacionais através do uso de bibliotecas, contações de histórias, alfabetização digital e funções de linguagem.

Com temática contemporânea e imprescindível para as relações estabelecidas nos diferentes aspectos da vida social, espera-se com os artigos apresentados contribuir para o reconhecimento de desafios e estratégias construídas coletivamente, bem como, para novas análises da temática e com diferentes perspectivas teóricas.

Boa leitura a todos e a todas.

Luciana Pavowski Franco Silvestre

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

REALIDADE AUMENTADA EM BIBLIOTECAS : DISCUSSÃO DA SUA INCORPORAÇÃO EM BIBLIOTECAS

David Vernon Vieira

DOI 10.22533/at.ed.5632017111

CAPÍTULO 2..... 7

A PREVIDÊNCIA SOCIAL BRASILEIRA ENTRE A RACIONALIZAÇÃO E O PATRIMONIALISMO

Renato Somberg Pfeffer

DOI 10.22533/at.ed.5632017112

CAPÍTULO 3..... 19

PERFIL DE PREMATURIDADE NA REGIÃO METROPOLITANA DO ESPÍRITO SANTO: CONTRIBUIÇÕES PARA AS POLÍTICAS DE SAÚDE

Daniel Rocha Ramos

Luara Ramos Rodrigues

Paula Campos Perim

Antônio Chambô Filho

Janine Pereira da Silva

DOI 10.22533/at.ed.5632017113

CAPÍTULO 4..... 29

ANÁLISE DA ACESSIBILIDADE E MOBILIDADE URBANA NOS DESLOCAMENTOS A PÉ: AFERIÇÃO DAS CONDIÇÕES DE SEGURANÇA E AUTONOMIA DO PASSEIO PÚBLICO EM QUATRO CIDADES PAULISTAS

Cristiane Kröhling Pinheiro Borges Bernardi

Camila Moreno de Camargo

Maria Karoline Souza Garcia

Ana Paula Sylvestre Roldão

Priscila Kauana Barelli Forcel

DOI 10.22533/at.ed.5632017114

CAPÍTULO 5..... 45

INTERFACE DA COMUNICAÇÃO COM AS CIÊNCIAS SOCIAIS: UM ESTUDO DOS PROCESSOS DA POLÍTICA DE COMUNICAÇÃO GOVERNAMENTAL

Daiana de Medeiros Brandão

DOI 10.22533/at.ed.5632017115

CAPÍTULO 6..... 59

“CORDIALIDADE DO BRASILEIRO” NO SÉCULO XXI: ACIRRAMENTO DOS DISCURSOS NOS CAMPOS DE PODER POLÍTICO E IDEOLÓGICO- FRAGMENTAÇÕES NEGATIVAS? O ECO...

Ednaldo Emílio Ferraz

DOI 10.22533/at.ed.5632017116

CAPÍTULO 7	67
JORNALISMO E QUESTÃO RACIAL: UMA REFLEXÃO SOBRE (FALTA DE) REPRESENTATIVIDADE E SEUS DESDOBRAMENTOS	
Aline da Silva Novaes Marcos Vinícius Aragão Furtado	
DOI 10.22533/at.ed.5632017117	
CAPÍTULO 8	77
“FÁTIMA DO PT”: RAREFAÇÃO DO SUJEITO E ANÁLISE DO DISCURSO DA COBERTURA DO BLOG DO BG SOBRE A GOVERNADORA FÁTIMA BEZERRA	
Daniel Dantas Lemos Lucas Oliveira de Medeiros Yasmin Alves Farias Maia de Medeiros Maria Ylanna Pires Bezerra Rayane Fernandes da Silva Victória Zilmara Alves	
DOI 10.22533/at.ed.5632017118	
CAPÍTULO 9	89
CARTOGRAFIA HISTORIOGRÁFICAS DAS FRONTEIRAS NACIONAIS E AS PRÁTICAS GUARANI	
Clovis Antonio Brighenti Rafael Fonseca Gomes Dantas de Melo	
DOI 10.22533/at.ed.5632017119	
CAPÍTULO 10	103
DIFERENÇAS SALARIAIS E DISCRMINAÇÃO POR GÊNERO E COR NA REGIÃO NORTE DO BRASIL	
Maylisson Rodrigo Fonseca Davi Winder Catelan Matheus Demambre Bacchi Priscila Akimi Hayashi Katy Maia	
DOI 10.22533/at.ed.56320171110	
CAPÍTULO 11	117
VIOLÊNCIA DOMÉSTICA DIRIGIDA À MULHER: UMA REFLEXÃO A PARTIR DA REALIDADE BRASILEIRA	
Mariana Ferrão Bittencourt Sílvia Moreira Trugilho	
DOI 10.22533/at.ed.56320171111	
CAPÍTULO 12	127
MÃES NO CÁRCERE: UMA ANÁLISE ACERCA DO HABEAS CORPUS 143.641	
Lorena Monteiro Silva Letícia Francielly Farias Ferreira Mayara Toledo da Silva	

DOI 10.22533/at.ed.56320171112

CAPÍTULO 13..... 130

EXCLUSIÓN FINANCIERA, USO DE FUENTES NO FORMALES DE FINANCIAMIENTO E INFORMALIDAD EN LOS COMERCIANTES MAYORISTAS DE COLOMBIA. EL CASO DE CORABASTOS

Carlos Julio Moreno
Sindy Carolina Díaz Perdomo
Cristian Orlando Avila Quiñones

DOI 10.22533/at.ed.56320171113

CAPÍTULO 14..... 147

ILEGALIDADES NA TAXAÇÃO DE EXPORTAÇÕES DE PRODUTOS AGROPECUÁRIOS NO CENTRO-OESTE BRASILEIRO

Silvana Potrich Cescon
João Porto Silvério Junior

DOI 10.22533/at.ed.56320171114

CAPÍTULO 15..... 153

PONTOS POSITIVOS E NEGATIVOS DO TESTE HOUSE-TREE-PERSON (HTP) NO PROCESSO SELETIVO DE UMA EMPRESA PETROLÍFERA

Letícia Martins Ribeiro Candido
Ana Karolina Sousa Leite
Verilânia Alves da Mata

DOI 10.22533/at.ed.56320171115

CAPÍTULO 16..... 171

COOPERATIVISMO: ASPECTOS CONSTITUCIONAIS E SOCIAIS

Neiva Feuser Capponi
André Fernando Hein
Lígia Fiedler
Marines Luiza Guerra Dotto
Milena Bortoleti Ewerling

DOI 10.22533/at.ed.56320171116

CAPÍTULO 17..... 181

FEIRA DE NOVOS NEGÓCIOS: INOVAÇÃO E CRIATIVIDADE EM AÇÃO

Márcia Célia Galinski Kumschlies

DOI 10.22533/at.ed.56320171117

CAPÍTULO 18..... 191

PSYCHOLOGICAL SAFETY: DISCUSSIONS ON THE MEANING AND IMPLICATIONS IN ORGANIZATIONAL PRACTICES

Pérola Cavalcante Dourado
Adriana Souza D'Almeida

DOI 10.22533/at.ed.56320171118

CAPÍTULO 19.....	200
A IDEOLOGIA E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: APROXIMAÇÕES E DIVERGÊNCIAS Gisele Ferreira Kravicz DOI 10.22533/at.ed.56320171119	
SOBRE A ORGANIZADORA.....	209
ÍNDICE REMISSIVO.....	210

CAPÍTULO 7

JORNALISMO E QUESTÃO RACIAL: UMA REFLEXÃO SOBRE (FALTA DE) REPRESENTATIVIDADE E SEUS DESDOBRAMENTOS

Data de aceite: 01/11/2020

Aline da Silva Novaes

Centro Universitário Ibmec, Departamento de Comunicação
Rio da Janeiro
<http://lattes.cnpq.br/1252732507828167>

Marcos Vinícius Aragão Furtado

Centro Universitário Ibmec
Rio de Janeiro
<http://lattes.cnpq.br/9670739751953674>

RESUMO: A representatividade negra é um assunto que tem sido levantado em muitas pautas jornalísticas. No entanto, observa-se que ainda pouco se discute acerca da presença/ausência de diversidade racial no *ethos* jornalístico. A partir do estudo de caso da repercussão sobre a escalção da primeira jornalista preta para o time de âncoras do *Jornal Nacional*, será conduzido um estudo a determinar de quais maneiras a classe jornalística pode contribuir com o combate ao racismo estrutural dentro das redações de jornais e na sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo, Representatividade, Racismo Estrutural, Maria Júlia Coutinho, *Jornal Nacional*.

JOURNALISM AND RACIAL ISSUE: A REFLECTION ON (LACK OF) REPRESENTATIVITY AND ITS DEVELOPMENTS

ABSTRACT: Black representation is a matter that has been raised in many news stories. However, it is observed that there is few discussion about the presence / absence of racial diversity in the journalistic *ethos*. Based on the case study of the repercussion on the casting of the first black journalist for the anchor team of the *Jornal Nacional*, a study will be conducted to determine how the journalistic class can contribute to the fight against structural racism within the newsrooms and in society.

KEYWORDS: Journalism, Representativeness, Structural Racism, Maria Júlia Coutinho, *Jornal Nacional*.

1 | INTRODUÇÃO

A presença de pessoas negras na televisão tem aumentado. De acordo com as últimas edições da pesquisa “TODXS – Uma análise da representatividade na publicidade brasileira”¹, realizada pela agência Heads, o número de campanhas publicitárias nacionais com negros tem crescido nos últimos anos. No entanto, o percentual de negros em publicidade (25%) é desproporcionalmente inferior à quantidade dessa mesma parcela da população na sociedade brasileira (54%). Um exemplo

1. Informações obtidas na matéria “Pesquisa sobre diversidade na publicidade mostra que Brasil ainda precisa quebrar estereótipos”, de Soraia Alves. Disponível em: <<https://www.b9.com.br/101008/pesquisa-sobre-diversidade-na-publicidade-mostra-que-mercado-brasileiro-ainda-precisa-quebrar-estereotipos/>>

da presença negra em publicidade foi a campanha para divulgar o aplicativo do Banco do Brasil, em abril de 2019. A publicidade consiste em um vídeo de 30 segundos com atores e atrizes negros e brancos fazendo selfies (autorretratos). Todavia, apesar de sua importância em relação à diversidade étnica e sexual, o trabalho foi tirado do ar em pouco menos de um mês a pedido do presidente Jair Bolsonaro. Tal atitude revela o desinteresse nas altas cúpulas do governo acerca da representação negra e seus efeitos na sociedade. De acordo com a intelectual Sueli Carneiro (2016),

(...) para os publicitários, por exemplo, basta enfiar um negro no meio de uma multidão de brancos em um comercial para assegurar suposto respeito e valorização da diversidade étnica e racial e livrar-se de possíveis acusações de exclusão racial das minorias. Um negro ou japonês solitários em uma propaganda povoada de brancos representam o conjunto de suas coletividades.²

Do mesmo modo, isso tem acontecido no jornalismo. Em fevereiro de 2019, a jornalista preta Maria Júlia Coutinho, mais conhecida como Maju, integrou o time de apresentadores titulares do *Jornal Nacional*. Tal fato repercutiu na imprensa e na internet, pois, em seus 50 anos de existência, o telejornal mais importante do país nunca tinha contado com uma apresentadora titular preta. Em meio à repercussão, surgiram questionamentos principalmente pelo destaque dado à cor de Maju em sua estreia e por supostamente outras jornalistas pretas terem apresentado o noticiário.

Seja na alta cúpula do governo ou no senso comum, essas questões demonstram um reducionismo sobre a importância da questão da representatividade negra no Brasil. A partir dessa inquietação, a ideia de representatividade surge como um mecanismo de desconstrução de estereótipos que estimulam a conservação do racismo no Brasil.

O termo estereótipo se refere a associações de valores generalizados, geralmente baseados em discriminação, estigma, preconceitos e exclusão social. No livro *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*, Erving Goffman aborda dois conceitos que ajudam a elucidar a questão do estereótipo. São eles: identidade social virtual, que se refere à ideia sobre um indivíduo formado a partir de preconceitos; e identidade social real, que diz respeito à ideia formada sobre um indivíduo a partir de fatos. Nesse sentido, comenta a autora:

Caracteristicamente, ignoramos que fizemos tais exigências ou o que elas significam até que surge uma questão efetiva. Essas exigências são preenchidas? É nesse ponto, provavelmente, que percebemos que durante todo o tempo estivemos fazendo algumas afirmativas em relação àquilo que o indivíduo que está à nossa frente deveria ser. Assim, as exigências que fazemos poderiam ser mais adequadamente denominadas de demandas feitas “efetivamente”, e o caráter que imputamos ao indivíduo poderia ser encarado mais como uma imputação feita por um retrospecto em potencial – uma caracterização “efetiva”, uma identidade social virtual. A categoria e

2. Disponível em <<https://ceert.org.br/noticias/genero-mulher/13570/sueli-carneiro-negros-de-pele-clara>>

os atributos que ele, na realidade, prova possuir, serão chamados de sua identidade social real. (GOFFMAN, 1988, p.5 e 6)

Partindo do conceito de estereótipo, observa-se que a questão da baixa presença de negros se relaciona com a construção de uma imagem estereotipada desde a época da escravidão. No livro *Mulheres, Raça e Classe*, Angela Davis aborda um exemplo: a origem da associação das mulheres negras com os serviços domésticos.

Proporcionalmente, as mulheres negras sempre trabalharam mais fora de casa do que suas irmãs brancas. O enorme espaço que o trabalho ocupa hoje na vida das mulheres negras reproduz um padrão estabelecido durante os primeiros anos da escravidão. Como escravas, essas mulheres tinham todos os outros aspectos de sua existência ofuscados pelo trabalho compulsório. Aparentemente, portanto, o ponto de partida de qualquer exploração da vida das mulheres negras na escravidão seria uma avaliação de seu papel como trabalhadoras. (DAVIS, 2016, p.24)

Davis acrescenta ainda que a literatura e os meios de comunicação têm grande responsabilidade com relação à reprodução do estereótipo de mulheres negras em trabalhos domésticos. Nessa linha, pontua:

O racismo funciona de modo intrincado. As empregadoras que acreditavam estar elogiando as pessoas negras ao afirmar preferi-las em relação às brancas argumentavam, na verdade, que as pessoas negras estavam destinadas a ser serviçais domésticas – escravas, para ser franca. Outra empregadora descreve sua cozinheira como “muito esforçada e cuidadosa – meticulosa. Ela é uma criatura boa, fiel e muito agradecida”. Claro, a “boa” serviçal é sempre fiel, confiável e agradecida. A literatura dos Estados Unidos e os meios de comunicação populares no país fornecem numerosos estereótipos da mulher negra como serviçal resistente e confiável. (DAVIS, 2016 p. 109)

A partir desse exemplo, fica evidente que a baixa presença de pessoas negras, especialmente mulheres, é um mecanismo para manter estereótipos racistas na sociedade. Com isso, esbarra-se no conceito de representatividade. Segundo o dicionário Aurélio, a palavra representação é definida como “patentear, revelar, mostrar”.

Levando em consideração os conceitos de representatividade e racismo estrutural, nossa opção foi por investigar a repercussão da escalção da jornalista Maria Júlia Coutinho como a primeira apresentadora preta titular do *Jornal Nacional*.

2 | REPRESENTATIVIDADE VERSUS RACISMO ESTRUTURAL

A construção da imagem de pessoas negras ao longo da história revela um mecanismo estruturado. Nessa linha, é inegável a reprodução dos estereótipos e suas consequências ao povo negro. As instituições, cabe salientar, têm um papel essencial nesse mecanismo, pois elas trabalham e determinam regras para a manutenção da

ordem social. Ora, se a sociedade preserva comportamentos racistas, como a hegemonia de pessoas brancas em posições de destaque, as instituições feitas por essas pessoas reproduzirão os seus comportamentos racistas. Em consonância com essa premissa, Almeida afirma: “assim como a instituição tem sua atuação condicionada a uma estrutura social previamente existente – com todos os conflitos que lhes são próprios –, o racismo que esta instituição venha expressar é parte desta mesma estrutura” (ALMEIDA, 2018, p. 36). Ainda segundo o autor, toda instituição que não cria e executa ações para combater o racismo está cooperando com o seu mecanismo de reprodução.

Nesse caso, as relações do cotidiano no interior das instituições vão reproduzir as práticas sociais corriqueiras, dentre as quais o racismo, na forma de violência explícita ou de microagressões – piadas, silenciamento, isolamento etc. Enfim, sem nada fazer, toda instituição irá tornar-se uma correia de transmissão de privilégios e violências racistas e sexistas. De tal modo que se o racismo é inerente à ordem social, a única forma de uma instituição combater o racismo é por meio de implementação de práticas antirracistas efetivas. (ALMEIDA, 2018, p. 37)

No Brasil, o racismo estrutural opera com muita eficiência. Os exemplos citados neste artigo – baixa representatividade negra em campanhas publicitárias e em telejornais – mostram que o último país a abolir a escravidão nas Américas ainda não conseguiu operar o processo de socialização do povo negro. Levando em consideração a assertiva de Almeida, fica evidente que as instituições brasileiras, além de falharem no tratamento da desigualdade étnica, têm reproduzido o racismo e trabalhado, mesmo que de maneira involuntária, para a manutenção de sua estrutura.

Para Muniz Sodré, a condição social do povo negro brasileiro só evoluiu com relação à escravidão do ponto de vista legal, mas continua com atrasos equivalentes à época escravista.

Esse jogo hegemônico parece ainda mais evidente num contexto de memória escravista, como é o caso do Brasil. O racismo brasileiro ou a “racial-democracia” nacional tem a sua especificidade: Aboliu-se política e juridicamente o sistema de subordinação direta do corpo sequestrado, mas permanece a forma social correspondente. (SODRÉ, 2018, p.4)

A ineficácia do combate à mentalidade racista na sociedade após a abolição se apresenta na literatura acadêmica brasileira. O pensador Alberto Torres, por exemplo, considera que “a escravidão deu-nos, por longos anos, todo o esforço e toda a ordem que então possuíamos e fundou toda a produção material que ainda temos” (TORRES *apud* SODRÉ, 2018, p. 13). Outro exemplo é o de Oliveira Vianna, que, apesar de discordar sobre inferioridade racial, acreditava que “a escravidão permanecerá por muito tempo como a característica nacional do Brasil” (NABUCO *apud* SODRÉ, 2018, p.13).

Com isso, Sodré afirma que a “abolição incidiu sobre a relação, e não sobre o vínculo” (SODRÉ, 2018, p.14), mantendo a “saúde do escravo” por meio de quatro

aspectos: seleção de mão de obra; relações com empregadas domésticas e babás; formas culturais como mero folclore; e imagens pasteurizadas da cidadania negra na mídia. Com base no último aspecto, percebe-se que a história dos meios de comunicação de massa, mais especificamente do jornalismo, está intrinsecamente ligada à manutenção do racismo na sociedade brasileira.

3 | O NEGRO NO JORNALISMO BRASILEIRO

O que? Quem? Quando? Onde? Como? E por quê? As perguntas respondidas no lide, primeiro parágrafo dos textos jornalísticos, revelam a necessidade do ser humano por informação. A busca por novos conhecimentos teve diversas manifestações ao longo da história: escrita, fala e invenção da prensa. A comunicação é o fio que liga todos esses avanços. Nesse contexto, o jornalismo atua como fenômeno disruptivo, atendendo com maior alcance e eficiência a necessidade de informação da sociedade.

Com a chegada da família real portuguesa, em 1808, a impressão foi introduzida no Brasil. Segundo Romancini e Lago (2007), a vinda da Corte portuguesa ao Brasil foi essencial para o início da impressão tipográfica (os prelos). No entanto, Marques de Melo (1973) destaca alguns fatores que atrasaram a introdução da imprensa no país.

O primeiro é a natureza feitorial da Colonização, com o Brasil colônia focado em produção de bens de consumo e não em civilização. O atraso das populações indígenas foi outra razão, já que a imprensa não foi utilizada como um meio de imposição cultural por parte dos portugueses. Indo na contramão dos espanhóis, os colonizadores de Portugal não desenvolveram a tipografia para dominar o país sob o ponto de vista cultural. Para se ter uma ideia, as cópias manuscritas e a importação de impressos davam conta do empreendimento catequético.

O terceiro motivo foi a predominância do analfabetismo, com a restrição da escrita à classe religiosa e à alta administração pública, além da inexistência de um processo educativo em massa entre os portugueses. Contribuindo também com este cenário, esteve a ausência de urbanização, com o desenvolvimento das cidades ainda no início no Brasil no começo do século em XIX, um fator essencial para o desenvolvimento da imprensa em vários países. Os meios informais (boca a boca) de se manter atualizado eram mais utilizados na colônia.

O quinto motivo foi a precariedade da burocracia estatal. Com a quase inexistência de iniciativas estatais portuguesas durante a colonização, o meio tipográfico não encontrou entrada por esse recurso. Mais uma razão foi a incipiência das atividades comerciais e industriais; com a exportação dos produtos agrícolas em alta, o Brasil colônia não se desenvolveu em comércio ou indústria. Esse fato também não contribuiu com a demanda de trabalhos tipográficos. Além desses, o reflexo da censura e do obscurantismo metropolitanos cooperou para o atraso. Estado e Igreja Católica regulavam a circulação de publicações,

tornando a impressão demasiadamente burocrática e atrasando o desenvolvimento da imprensa.

A utilidade pública do jornalismo tem origem no século XIX. Segundo Traquina (2005), o desenvolvimento dos jornais, a comercialização das notícias e a profissionalização da atividade jornalística contribuíram com a mudança de paradigma do jornalismo entre o de propagandear para o de informar. Para o autor,

As novas formas de financiamento da imprensa, as receitas de publicidade e dos crescentes rendimentos das vendas dos jornais, permitiram a despolitização da imprensa, passo fundamental na instalação do novo paradigma de jornalismo: o jornalismo como informação e não como propaganda, isto é, um jornalismo que privilegia os fatos, e não a opinião. (TRAQUINA, 2005, p.36)

Entre o final do século XIX e o início do século XX, a imprensa já se desenvolvia no mundo. É nessa época também que o fazer jornalismo adota uma visão mais capitalista, com rotativas, telégrafos, salário e divisão de tarefas. Além disso, o jornalismo ganha um caráter mais informativo. Em 1891, surge o *Jornal do Brasil*, um grande veículo de comunicação com estrutura consonante com a lógica industrial, tornando-se um dos maiores da época.

Vale destacar que as figuras de Euclides da Cunha e de João do Rio colaboraram para a adaptação brasileira às mudanças de paradigmas da imprensa. Euclides acompanhou a revolta sertaneja e João do Rio focou em reportagens sobre o Rio de Janeiro. Sobre o último, considerado o primeiro grande repórter brasileiro, vale pontuar:

João Paulo Alberto Coelho Barreto, nome de batismo do escritor, nasceu no Rio de Janeiro em 5 de agosto de 1881 e estreou na imprensa antes de completar 18 anos. Durante a carreira profissional, Paulo Barreto colaborou em diversos jornais e revistas da época como A Tribuna; Gazeta de Notícias; O Paiz, A Ilustração Brasileira; A Revista da Semana; entre outros. Em seus textos, João do Rio abordava desde assuntos como carnaval, teatro e música até polícia, educação e questões sociais. (NOVAES, 2015, p. 19)

Nesse contexto, a democracia entra como forma de governo ideal para execução das atividades jornalísticas em oposição à censura. Apesar de ser pautado na teoria democrática, o *ethos* (valores) jornalístico possui uma característica paradoxal: a ausência de diversidade de raça e gênero na comunidade jornalística.

Ao investigar a experiência didática sobre racismo, gênero e jornalismo na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a professora e pesquisadora Fernanda da Escóssia constatou que, no século XIX, negros e mulheres não integravam as equipes de jornalistas de grandes veículos da imprensa, formada majoritariamente por uma elite considerada a parte “esclarecida” da sociedade da época. Por outro lado, Oswaldo de Camargo destaca que, em 1833, Francisco de Paula Brito editou *O Homem de Cor*, considerado o primeiro periódico que contestava preconceitos raciais.

A falta de representatividade de profissionais negros é uma situação que ainda acontece nas redações de jornais. O estudo “Quem é o Jornalista Brasileiro?” (2012), realizado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em parceria com a Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), aponta que, apesar de comporem atualmente menos da metade da população brasileira (47,7%), jornalistas autodeclarados brancos somaram 72% dos jornalistas entrevistados. Em contrapartida, apenas 23% dos jornalistas entrevistados se reconhecem como negros ou pardos, que, de acordo com Censo 2010, realizado pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), 56,10% pessoas se declaram negras no Brasil, um país com 209,2 milhões de habitantes na altura.

De acordo com um levantamento do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), havia apenas 13,5 profissionais negros (nomenclatura utilizado pelo IBGE para definição de cor) a cada 100 jornalistas em postos formais no estado de São Paulo. No ano seguinte, a composição racial dos colunistas dos jornais de maior circulação do Brasil, *Folha de São Paulo*, *O Globo* e *O Estado de São Paulo*, foi o tema da pesquisa do Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa (Gemaa)³ da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). O grupo levantou que havia 2% tanto de homens como de mulheres negras. Por outro lado, 68% de homens brancos ocupavam as colunas desses jornais em 2019.

A partir dos dados apresentados, observa-se a institucionalização do racismo no jornalismo brasileiro e pouca ou quase nenhuma perspectiva para seu enfrentamento, salvo iniciativas como a Agência Mural de Jornalismo das Periferias, Énois e o Voz das Comunidades. Dessa forma, nossa opção foi por investigar a repercussão da escalção da jornalista Maria Júlia Coutinho como a primeira apresentadora preta titular do *Jornal Nacional*. Maju, como é chamada pelo público, estudou jornalismo na faculdade Cásper Líbero, onde foi monitora de uma turma que produzia o programa *Edição Extra*, transmitido pela *TV Gazeta* de São Paulo. Em 2005, ela apresentou o *Jornal da Cultura* e posteriormente o *Cultura Meio-Dia*, ambos na *TV Cultura*. Mais tarde, a jornalista ingressou na *TV Globo* para atuar como repórter, apresentadora de meteorologia e, em 2019, ser a primeira mulher negra a integrar o time de apresentadores titulares do *Jornal Nacional*.

Apesar do excelente currículo de Maju, a notícia de sua escalção para a apresentação do *Jornal Nacional* gerou repercussões ambíguas nas redes sociais. Enquanto um grupo celebrou o acontecimento, a outra parte do público questionou a necessidade de ressaltar a cor da pele da jornalista.

Levando em consideração todo o contexto histórico do jornalismo, a falta de representatividade da população negra e o racismo estrutural da sociedade brasileira, questões surgem acerca da repercussão da escalção de Maria Júlia Coutinho para a apresentação do *Jornal Nacional*. Por que essa notícia ganhou grande ressonância? Quais são os motivos para o incômodo do destaque dado para a cor da pele da apresentadora

3. Disponível em: < <http://gemaa.iesp.uerj.br/infografico/negros-nos-jornais-brasileiros/> >

nas manchetes? E, principalmente, qual é o futuro da representatividade negra dentro do *ethos* jornalístico?

4 | A PRIMEIRA MULHER NEGRA NO JORNAL NACIONAL

A estreia da jornalista Maria Júlia Coutinho, na noite do dia 16 de fevereiro de 2019, como a primeira apresentadora preta titular na bancada do *Jornal Nacional* teve grande repercussão na internet e entrou para os *trends topics* do *Twitter*. O sucesso se refletiu no número de audiência. De acordo com os dados do Painel Nacional de Televisão (PNT), que reúne informações de 15 mercados do país, o noticiário registrou 29 pontos em São Paulo e 28 no Rio de Janeiro. Nos dois estados, o aumento foi respectivamente de cinco e quatro pontos em comparação à audiência dos quatro sábados anteriores.

Com quase 50 anos de história, o *Jornal Nacional* nunca teve uma jornalista preta no seu time de apresentadores titular. Além do tempo que demorou para isso acontecer, a repercussão se deve porque o noticiário do horário nobre da *Rede Globo* é o telejornal mais importante do Brasil. Nesse sentido, contribui para a informação dos brasileiros de forma significativa. O número de pessoas analfabetas no Brasil chegou a 11,8 milhões, o que representa 7,2% da população de 15 anos ou mais, de acordo com os dados em 2017 divulgados pelo IBGE. Além disso, a Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, realizado pelo Ibope, constatou que 44% não tem o hábito da leitura. A internet também não é acessada por uma parcela considerável da população, são cerca 63 milhões de pessoas, de acordo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad). Dessa forma, parte significativa da população se informa por meio de telejornais. Outro ponto de destaque para a relevância do *Jornal Nacional* é a audiência da *TV Globo*, a maior emissora de TV do país e a segunda maior do mundo.

Como um dos últimos países a abolir a escravidão na América, o Brasil ainda carrega consequências desse período e de sua insuficiência no que refere ao processo de ressocialização da população negra. Nesse contexto, a edição de estreia da Maju como âncora do telejornal mais importante do país é um marco para a história do jornalismo e para o combate ao racismo estrutural.

Apesar da relevância da ocasião, muitos internautas criticaram o destaque dado à cor da pele da jornalista nas manchetes dos jornais. Entre os argumentos apontados, está o fato de outros jornalistas pretos, como Heraldo Pereira, Zileide Silva e Glória Maria terem ancorado o noticiário. Essa informação não é correta, pois somente Heraldo Pereira faz parte da escala de apresentadores fixos para os fins de semana. Zileide, por sua vez, foi a primeira mulher preta a apresentar um jornal diário e Glória Maria foi a primeira repórter da sua etnia na TV brasileira. Portanto, Maju é a primeira mulher preta a apresentar o telejornal global.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dado esse contexto, observa-se uma necessidade do jornalismo, como atividade que tem como finalidade atender aos interesses públicos e fiscalizar o poder público, atuar para incluir mais jornalistas negros para seu campo de trabalho. Para Almeida (2018), toda instituição que tem como valor o combate ao racismo deve: fomentar a equidade e a diversidade nos seus ambientes interno e externo; estimular o desenvolvimento de minorias em posições de direção; realizar reuniões periódicas para revisões de práticas institucionais que visam a questão racial; e pensar em ações de acolhimento e uma gestão de conflitos raciais e de gênero.

Ainda para contextualizar, segundo os dados do Censo do Ensino Superior de 2016, 30% de negros estão matriculados em faculdades ou universidades. Em 2011, o número era de 11%. Apesar do aumento do número por conta do sistema brasileiro de cotas raciais nas universidades, empresas de comunicação, o sindicato de jornalismo e classe jornalística devem trabalhar com iniciativas, para além da graduação, com objetivo de admitir mais jornalistas negros para o campo de trabalho.

Como pode ser observado no caso da jornalista Maria Júlia Coutinho, há um gargalo no *ethos* jornalístico com relação à diversidade racial na classe de jornalistas. Ações em comunidades, abertura de mais vagas no quadro de funcionários e incentivo à diversidade em programas de trainee e de estágio contribuirão com a redução dessa dívida histórica que o jornalismo tem com os jornalistas negros e com parte da sociedade que não se sente representada em totalidade pela grande imprensa.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

CAMARGO, Oswaldo. O negro escrito. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1987. O que representa esta reedição de fac-símiles da imprensa negra. In: **Imprensa negra: estudo crítico de Clóvis Moura** – Edição Fac-Similar. São Paulo: Imprensa Oficial de São Paulo/Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, 2002.

CARNEIRO, Sueli. Negro de pele clara. In.: **Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades**. Disponível em < <https://ceert.org.br/noticias/genero-mulher/13570/sueli-carneiro-negros-de-pele-clara>>.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução: Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

ESCÓSSIA, Fernanda da. Cartilhas da diversidade: uma experiência didática sobre racismo, gênero e jornalismo na UFRJ. **Anais I Seminário UFRJ faz 100 anos**: História, desenvolvimento e democracia, 4 a 6 de setembro de 2017/ coordenação [de] Rogéria de Ipanema – Rio de Janeiro : Ed. UFRJ, 2018. Disponível em: <<chrome-extension://oemmnrcbldboiebnladdacbfmadadm/https://ufrj.br/sites/default/files/documentos/2018/09/2018-anais-do-seminario-ufrj-faz-100-anos-volume-1-web.pdf>>

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Tradução de Mathias Lambert. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

MELO, José Marques de. **Fatores Sócio-Culturais que retardaram a implantação da imprensa no Brasil**. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Universidade de São Paulo. São Paulo, 1973.

NOVAES, Aline da Silva. **João do Rio e seus cinematographos: o hibridismo da crônica na narrativa da *belle époque carioca***. Rio de Janeiro: Mauad/Faperj, 2015.

ROMANCINI, Richard; LAGO, Cláudia. **História do Jornalismo no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2007. 276 p.

SODRÉ, Muniz. Uma lógica perversa de lugar. In.: **Dossiê Racismo**, v. 21, n. 3, 2018. p. 9-16.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são**. 2. ed. Florianópolis, SC: Insular, 2005. Volume 1.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acessibilidade 29, 31, 33, 34, 35, 36, 40, 42, 43

Agronegócio 89, 98, 101, 147, 152

Análise do Discurso 77, 78, 79

Antipetismo 77, 85, 86

Áreas Centrais 29, 30, 33, 35, 43

Assessoria de Imprensa 45, 54, 56, 57, 83, 84

B

Bibliotecas 1, 2, 3, 4, 5

Blogs 77, 79

C

Caminhabilidade 29

Capitalismo 10, 120, 125, 126

Cárcere Feminino 127

Cartografia 89, 94, 99

Comunicação Pública 45, 47, 49, 51, 54, 55, 56, 57, 58

Constituição 8, 9, 12, 13, 16, 17, 23, 54, 56, 62, 122, 123, 124, 125, 148, 149, 151, 152, 171, 172, 175, 176, 177, 178, 180, 200, 205, 206

Cooperado 171, 175, 179

Cordialidade 59, 61, 63

Criatividade 181, 182, 183, 186, 189

D

Diferenças Salariais 103, 105, 107, 113, 116

Discriminação 68, 103, 104, 105, 106, 107, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 124, 159

Discurso Jornalístico 77

Dispositivos Móveis 1, 2, 4

E

Empreendedorismo 181, 182, 183, 184, 189, 190

Estados Nacionais 89, 92, 99, 102

Exclusión Financiera 130, 131, 133, 134, 144, 146

Experiência do Usuário 1

Exportação 71, 98, 147, 148, 149, 150, 151, 152

F

Fragmentação 59, 62, 63, 98

Fronteira 23, 89, 92, 94, 125

Fuentes no Formales de Financiamiento 130, 131, 134

G

Gestão Pública 18, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 54, 55, 209

Guarani 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 101, 102

H

Habeas corpus 127, 128, 129

I

Informalidad 130, 131, 134, 135, 144, 145

Inovação 5, 89, 181, 182, 183, 184, 186, 187, 188, 189, 190

Interatividade 1

J

Jornalismo 56, 58, 67, 68, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 87

Jornal Nacional 67, 68, 69, 73, 74

M

Mercado de Trabalho 25, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 115, 116, 118, 122, 123, 126

Mídia e Política 45, 46

Minorias 59, 63, 65, 68, 75

Mobilidade 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 43, 44, 89, 91, 93, 94, 102

Modelo Probit 130, 139

Modernização 7, 8, 9, 10, 11, 13, 61

N

Novos Negócios 181, 182, 183, 186, 187, 188

P

Patrimonialismo 7, 8, 10, 11, 12, 13, 16, 17, 61

Poder 11, 12, 13, 14, 15, 31, 35, 48, 52, 53, 54, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 75, 79, 86, 106, 117, 118, 119, 122, 123, 125, 126, 127, 148, 152, 172, 203

Políticas Públicas 7, 18, 22, 23, 24, 29, 30, 31, 35, 46, 47, 49, 51, 103, 109, 115, 117, 118, 119, 125, 126, 209

Previdência Social 7, 8, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18

Princípios do Cooperativismo 171, 172, 174, 178

Prisão Domiciliar 127, 128

Psychological Safety 191, 192, 193, 194, 195, 197, 198, 199

R

Racionamento de Crédito 130, 131, 132, 144

Racismo Estrutural 67, 69, 70, 73, 74, 75

Rarefação do Sujeito 77, 84, 87

Realidade Aumentada 1, 2, 3, 4, 5, 6

Redes Sociais 47, 48, 58, 59, 61, 63, 64, 65, 66, 73, 82

Relações Interpessoais 53, 117, 119

Representatividade 67, 68, 69, 70, 73, 74, 106, 111

S

Sistema Único de Saúde 20, 27, 56

Socio-Emotional Learning 191

T

Tecnologia da Informação 1

Território 23, 29, 31, 32, 43, 62, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 99, 102, 104

Tributação 147, 151

V

Violência 64, 70, 88, 102, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 170

Voice 191, 192, 196, 197, 198, 199

Ciências Sociais Aplicadas:

Organizações, Inovações e Sustentabilidade

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Ciências Sociais Aplicadas:

Organizações, Inovações e Sustentabilidade

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 